

**MURILLO DE ARAGÃO**

Por Murillo de Aragão

✓ SEGUINDO

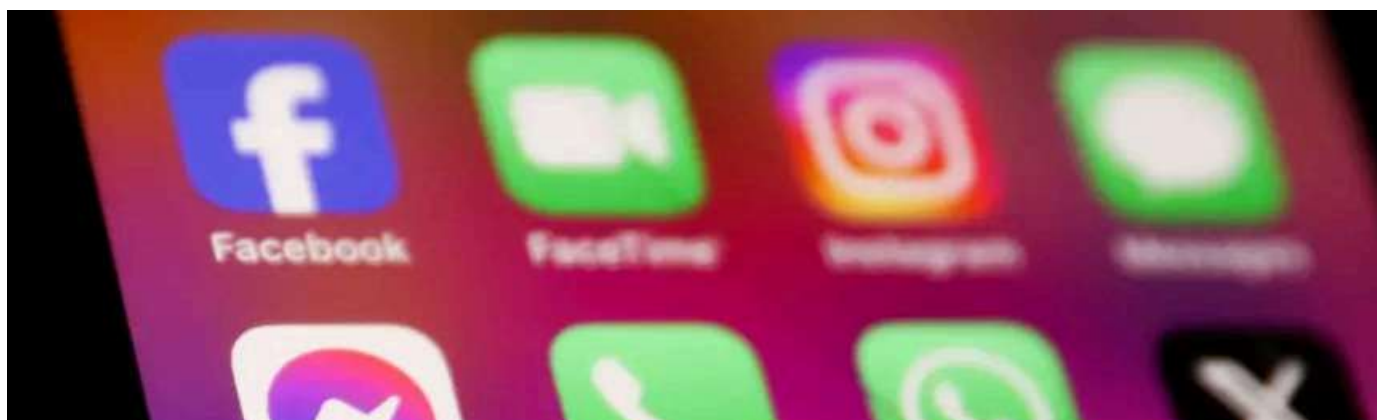
Brasil

Anonimato e redes sociais

Plataformas devem identificar autores de conteúdos enganosos

Por Murillo de Aragão

Atualizado em 21 mar 2025, 13h08 - Publicado em 21 mar 2025, 06h00



Redes sociais (Jakub Porzycki/NurPhoto/Getty Images)



Sempre presente em várias áreas da sociedade, a discussão em torno do anonimato nunca foi tão atual quanto agora, com o aumento da importância das redes sociais na economia e na política. Um marco nesse debate, ocorrido ainda no governo Collor, foi quando o Banco Central proibiu cheques ao portador e outras práticas que ocultavam a identidade das pessoas que realizavam transações financeiras significativas. A medida contribuiu enormemente para imprimir maior transparência ao sistema financeiro,



solidificaram um sistema mais controlável e ético.

Hoje, a questão do anonimato nas plataformas de mídia social gera preocupações semelhantes, uma vez que a informação se tornou um recurso às vezes até mais valioso do que o dinheiro em si. Pois é possível auferir benefícios financeiros com a assimetria de informações e com a difusão de informações falsas. Por isso é justificável exigir que as redes sociais combatam o anonimato e identifiquem autores de conteúdo enganoso ou difamatório.

“É essencial combater ativamente a propagação deliberada de desinformação e difamação na internet”

O tema do anonimato na mídia foi discutido no século XIX por Arthur Schopenhauer. O pensador alemão criticava veementemente o uso do anonimato na comunicação escrita, em especial no jornalismo e na

crítica literária. Para ele, o anonimato permitia que se atacasse a reputação alheia e se divulgassem informações falsas. Em seu livro *Parerga e Paralipomena*, de 1850, ele escreveu: “O anonimato é o escudo dos medíocres e o refúgio daqueles que não têm coragem de se responsabilizar por suas palavras e intenções”.

Assim, para Schopenhauer, o anonimato era um mecanismo de covardia intelectual. Ele acreditava que os que desejam expressar suas opiniões devem estar dispostos a colocar o próprio nome sob as próprias palavras. Tal ideia tem eco em nosso contexto contemporâneo, em que perfis anônimos disseminam desinformação prejudicial nas redes sociais sem se responsabilizarem por seus atos ou palavras. Ao permitir que indivíduos se escondam sob anonimato nas plataformas digitais, reproduzimos, ainda que em uma escala muito mais ampliada, o problema apontado por Schopenhauer na imprensa de sua época.

Em sociedades democráticas modernas, é crucial valorizar e proteger o direito à livre expressão. Mas é igualmente essencial combater ativamente a propagação deliberada de desinformação e difamação. Assim como o setor financeiro no Brasil se adaptou para ser mais transparente e responsável, é




fake news ou ataques injustos não é uma restrição à liberdade de expressão. É uma medida para preservar a integridade e a qualidade dos debates públicos. Considerando o cenário atual das redes sociais, as ideias de Schopenhauer permanecem mais válidas do que nunca.

Publicado em VEJA de 21 de março de 2025, edição nº 2936

MAIS LIDAS

- 1** | **Mundo**
Brasil passa vergonha em exposição no Japão
- 2** | **Cultura**
Cauã Reymond e Bella Campos discutem nos bastidores de 'Vale Tudo'
- 3** | **Cultura**
O destino de Maria Gladys após ajuda providencial da neta famosa, Mia Goth
- 4** | **Cultura**
O último suspiro de um dos grandes milagres de longevidade do rock'n'roll
- 5** | **Brasil**
O novo problema de herdeiros de Gal Costa com a Justiça

POLÍTICA

 Assine Abril

Veja

Superinteressante